

CONSTRUINDO NOVOS VALORES ATRAVÉS DA INTERPRETAÇÃO DO PATRIMÔNIO: EDUCAÇÃO E TURISMO SUSTENTÁVEL

Gustavo Aveiro de Araújo
FASB

Resumo: O objetivo deste estudo é discutir as relações entre interpretação do patrimônio e sustentabilidade, partindo do pressuposto que esta atividade possui estreitos laços com a sustentabilidade do turismo aliado à educação e contribui com a conservação dos patrimônios natural e cultural, gerando uma gama de benefícios sociais e econômicos, críticos ao efetivo gerenciamento e conservação do patrimônio e ao turismo sustentável. Em seguida, argumenta-se que a interpretação do patrimônio pode ser usada como forma de qualificar a experiência do visitante ao mesmo tempo que constrói um elo com a sustentabilidade do turismo. Conclui-se que a interpretação do patrimônio favorece aos visitantes a construção de novos valores, objetos de seu interesse, promovendo a educação para a conservação do patrimônio e se aproxima do Turismo sustentável.

Palavras-chave: Interpretação, conservação do patrimônio, turismo sustentável, educação.

Introdução

A qualidade da experiência de um visitante em um local de elevado interesse histórico e cultural poderia ser ampliada não só em função do nível e da qualidade das informações recebidas, mas, sobretudo, a partir de revelações e significados adquiridos por meio da “visita”.

Sobre essa busca pela qualidade da experiência por parte dos visitantes, Wearing e Nail (2000) afirmam que o foco sobre as dimensões da experiência do visitante revela que ele não está preocupado apenas com a pura observação de um cenário ou objeto, e sim com a sensação e a percepção de algo relacionado ao seu valor e se sujeita a assimilar valores que não são seus propriamente, ou, pelo menos, seriam incomuns ao seu cotidiano. Nesta perspectiva, a visita a sítios de interesse cultural torna-se difusora de atividades educativas e turísticas sustentáveis.

As relações recreativas e educativas próprias do homem com seu meio evoluíram. Trigo (2001, p. 26) esclarece que “as atividades de recreação e lazer adquiriram muitas dimensões na pós-modernidade, e passaram a incentivar reflexões sobre o entendimento do homem sobre sua relação com o ambiente”.

O indivíduo pós-moderno, principalmente aquele que habita os grandes centros urbanos, passou a ter necessidade de sair do seu entorno habitual e interagir com a natureza, para, além de apreciá-la, entender sua participação na gestão dos ambientes, tentar compreender as questões ambientais que envolvem a atual crise ambiental em que vivemos e solucionar seus problemas.

As discussões sobre o poder de educação que exerce o ecoturismo¹ vão além da educação ambiental direcionada ao meio natural e passam a ganhar maior destaque o âmbito cultural. Dessa forma, a educação pelo turismo, de um modo geral, não está mais restrita às questões que envolvem apenas o ambiente físico, mas também ao patrimônio cultural de uma localidade.

O planejamento das atividades interpretativas tem sido discutido academicamente em suas interfaces disciplinares. O turismo serviu como elemento sustentador do processo como um todo. Os conhecimentos sobre o efetivo gerenciamento da exploração do patrimônio pelo turismo tendem a seguir os difíceis caminhos da sustentabilidade.

As discussões sobre a sustentabilidade do turismo se intensificaram a partir da Conferência Rio-92². A aplicação do conceito de desenvolvimento sustentável ao turismo possibilitou novas oportunidades, que transformaram a atividade numa importante ferramenta de sustentabilidade, inclusive, por meio da interpretação ambiental, capaz de promover simultaneamente a educação e a sustentabilidade do turismo.

Neste contexto, o conceito de interpretação do patrimônio ganhou espaço dentro do planejamento sustentável da atividade turística, construindo estreitos laços com a educação e a conservação do patrimônio histórico-cultural e natural, e vem ganhando a atenção de educadores e profissionais ligados às atividades turísticas. Embora tenha surgido a partir de experiências do homem no meio natural, as técnicas de interpretação são perfeitamente adaptáveis tanto em ambientes naturais como em sítios históricos e culturais. Sobre a evolução e difusão do conceito de interpretação, Fontes (2003) afirma que devido ao sucesso, o planejamento de atividades interpretativas se disseminou pelo mundo todo e continua a se desenvolver ultrapassando os limites das áreas naturais protegidas, superando a dicotomia homem *versus* natureza.

Áreas naturais protegidas, museus, parques temáticos e, em geral, sítios de valor histórico cultural relevante são os lugares onde as atividades interpretativas são desenvolvidas através da implementação do planejamento interpretativo de um local ou região de interesse turístico.

Significado e princípios da interpretação

A origem do termo “interpretação ambiental” está intimamente associada à história dos Parques Nacionais Americanos. A partir do final do século XIX, as visitas às áreas naturais protegidas ganharam mais adeptos. Ávidos pela aventura e em busca da aproximação com a natureza eram guiados por pessoas experientes, normalmente naturalistas que conheciam os caminhos percorridos, verdadeiros “guias” da natureza (VASCONCELLOS, 1998). A primeira definição de intérprete da natureza foi apresentada por Eno Mills, em 1920, que definiu o intérprete como “um naturalista capaz de guiar as pessoas apresentando-lhes os segredos da natureza” (apud BECK; CABLE, 2002, p. 2, tradução nossa)

O ato de interpretar áreas naturais surgiu como uma forma de estimulação à criação de valores e entendimentos sobre ecologia, como consequência da experimentação prática do ambiente, principalmente os parques nacionais americanos onde os intérpretes desenvolviam tais técnicas. Essa nova aceção do termo interpretação bem como as suas bases filosóficas foram inicialmente sugeridas por Freeman Tilden em 1957, que a definiu como

uma atividade educativa, que visa a revelar significados e revelações através do uso de objetos originais por intermédio de experiências práticas e ilustrativas, ao invés de simplesmente se comunicar informações factuais. (TILDEN, 1977, p. 8, tradução nossa)

É principalmente uma atividade educativa porque trabalha a transmissão da informação, contudo, de uma maneira divertida, instigante, buscando estabelecer *relações com a personalidade do visitante*³ e revelar significados, ou seja, favorecer a formação de novos valores a partir do estabelecimento dessas relações. Tilden enfatizou que a interpretação não era simplesmente uma informação tornada interessante, mas que tinha um propósito mais amplo, a revelação de conceitos e idéias comunicados por meio de técnicas interpretativas, e não simplesmente fatos. O objetivo principal da interpretação é o de construir valores através da experimentação prática de localidades de relevância natural, histórica e cultural, tais como áreas naturais protegidas, museus, parques temáticos, etc.

Programas interpretativos devem ser metodicamente planejados e, segundo Tilden (1977), devem ter como objetivo principal, a tradução da linguagem técnica, não usual, do meio ambiente para a linguagem comum popular, desde que o conteúdo teórico seja preservado.

Com intuito de fornecer subsídios que orientassem o desenvolvimento de atividades interpretativas, Tilden (1977), estabeleceu os seis princípios básicos da interpretação da natureza, os quais permanecem válidos até hoje. São eles:

a) qualquer interpretação que, de alguma forma, não relaciona o que está sendo mostrado ou descrito, com algo inerente à personalidade ou experiência do visitante

será estéril;

- b) a informação como tal, não é interpretação. Interpretação é revelação de significados, valores e inter-relações baseadas em informação. São coisas completamente diferentes, no entanto, toda interpretação inclui informação.
- c) a interpretação é uma arte, formada pela combinação de muitas artes utilizadas para explicar temas científicos, históricos ou arquitetônicos. Assim como toda arte é, de alguma forma, possível de ser ensinada;
- d) o objetivo fundamental da interpretação não é a instrução, mas sim a provocação que aviva a curiosidade e o interesse por algo aparentemente insignificante;
- e) a interpretação deve objetivar apresentar os fenômenos na sua totalidade, tratando o todo em conjunto e nunca em partes isoladas, e;
- f) a interpretação deve ser diferenciada e dirigida a audiências específicas, de acordo com as faixas etárias, interesses e formações. A interpretação para crianças não pode ser a diluição da apresentação para adultos e deve ter uma abordagem fundamentalmente diferente.

Depois de Freeman Tilden surgiram diferentes enfoques na interpretação ambiental, tais como na comunicação pela sensibilização e no planejamento, sobretudo, de áreas naturais protegidas a partir da década de 70, e na avaliação da eficácia dos programas interpretativos.

Para Don Aldridge (1973, p. 5, apud IEF-IBAMA-FUNDAÇÃO BIODIVERSITAS-GTZ, 2002, p. 16),

a Interpretação é a arte de explicar o lugar do homem em seu meio, com o fim de sensibilizar o visitante sobre importância dessa interação e despertar nele um desejo de contribuir, para a conservação do meio ambiente.

Um outro enfoque na comunicação voltada para a sensibilização e conscientização dos visitantes de áreas naturais é verificado em Ham:

A interpretação envolve a tradução de uma linguagem técnica de uma ciência natural, ou outro campo relacionado em termos e idéias, para que as pessoas em geral, não cientistas possam facilmente compreender. E isso implica fazê-lo de uma maneira divertida e interessante para essas pessoas. (1992, p. 46)

Percebe-se que a interpretação ambiental vai muito além de uma simples atividade cognitiva, passando a funcionar como um instrumento de disseminação de crenças, atitudes e valores individuais e coletivos, seja no meio natural ou não.

Numa perspectiva cultural, Murta e Goodey, (2002, p. 13), afirmam que “interpretar é um ato de comunicação, uma arte de comunicar mensagens e emoções a partir de um texto, de uma partitura musical, de uma obra de arte, de um ambiente

ou de uma expressão cultural” e incorporam outros quatro princípios ao sugeridos anteriormente por Tilden (1857):

- a) a necessidade de haver troca de conhecimentos e recursos com a comunidade em forma de parceria ao iniciar a interpretação;
- b) a perspectiva deve ser abrangente, ligando passado, presente e futuro destacando a dimensão socioeconômica relacionada com as dimensões histórica, ecológica e arquitetônica;
- c) incentivar a compreensão das diversidades, através do espírito de tolerância como valor democrático acima de qualquer necessidade de imposição cultural, e;
- d) orientar-se pelo atendimento ao cliente, facilitando-lhe serviços essenciais a uma experiência de qualidade.

A interpretação envolve a produção de emoções através da provocação proporcionada por um meio interpretativo que visa a favorecer a construção de novos valores pelo indivíduo, essenciais para a conservação do patrimônio cultural e natural. Mais que informar, a essência da interpretação é, sobretudo, convencer as pessoas sobre o valor de seu patrimônio, encorajando-as a conservá-lo. “O principal foco da interpretação é estabelecer uma comunicação efetiva com o visitante, mantendo importantes interfaces com o turismo, a preservação do patrimônio e o desenvolvimento cultural das comunidades locais (MURTA; ALBANO, 2002). É esse o caráter de sustentabilidade da interpretação: o desenvolvimento cultural das comunidades e a contribuição com a conservação dos patrimônios natural e cultural que favorecem a sustentabilidade da atividade turística.

Planejamento interpretativo

Para que as atividades de interpretação ocorram é necessário um plano interpretativo⁴, constituído basicamente segundo Murta e Goodey (2002), por um inventário e registro de recursos, temas e mercados: uma etapa de desenho e montagem da interpretação propriamente dita, seguidas da gestão e promoção da atividade.

Como estratégias interpretativas têm-se: trilhas interpretativas sinalizadas, urbanas e rurais, capacitação de intérpretes e mão-de-obra de obra especializada, centro de visitantes e informações com museus, informações impressas e apresentações culturais.

Os materiais e as técnicas de interpretação se dividem basicamente em interpretação guiada por pessoas e interpretação produzida por palavras impressas em painéis, fôlderes, mapas ilustrados, placas e letreiros. Tudo deve ser planejado adequadamente conforme o plano interpretativo. Dentre os meios animados de exibição, destacam-se o uso do som, da luz e da imagem relacionadas ou não com a apresentação guiada por pessoas. Segundo Beck e Cable (2002), uma série de

recursos tecnológicos tais como vídeos, hologramas, informações geográficas, exibições interativas computadorizadas entre outros, funcionam como modernas ferramentas de interpretação utilizadas por profissionais experientes no assunto.

Para Goodey (2002, p. 47),

a interpretação é um processo que deve se basear nos conhecimentos e valores da comunidade, sendo uma atividade cultural básica que envolve a disseminação de seus conhecimentos, valores, pesquisa, design, localmente específicos.

A atual política nacional de turismo⁵ tem como diretriz básica a descentralização do planejamento turístico no país e incentiva o planejamento com base local, numa perspectiva mais sustentável. Concomitantemente, está intrínseco à idéia de planejamento da interpretação ambiental o engajamento da comunidade no processo, uma vez que esta deverá estabelecer claramente o que quer exatamente que seja interpretado e como e quem realizará a gestão de tudo. Sobre a participação comunitária no processo de planejamento da interpretação, Goodey (2002, p. 53) conclui que “em resumo, aquilo que a comunidade valoriza para si própria, o que ela deseja preservar, é possivelmente o que ela vai querer compartilhar com os outros”. Fica aberta a lacuna sobre a sistematização do processo que depende da implementação de políticas públicas que fomentem o desenvolvimento da interpretação.

Interpretação ambiental e turismo sustentável

Muitas nações têm no turismo sua principal fonte geradora de riquezas. No entanto, contraditoriamente aos benefícios gerados pelo turismo, uma série de impactos negativos são gerados como consequência da exploração desordenada, sem planejamento, em que o principal objetivo limita-se aos benefícios econômicos gerados pelo lucro rápido, em detrimento dos benefícios sociais que a atividade pode gerar.

Não obstante, o turismo vem se destacando notadamente como atividade econômica capaz de gerar empregos, renda e corrigir desigualdades regionais. Paralelamente, no âmbito acadêmico, o fenômeno turístico, segundo Beni (2004), “está se firmando como ciência humana e social”. Considerá-lo fenômeno, ciência ou indústria é um debate cada vez mais presente na academia que, gradativamente, tenta esclarecer esse complexo conceito e compreender os diversos aspectos que envolvem as inter-relações do turismo com o ambiente que o envolve.

Diante da atual problemática desenvolvimentista, e considerando que a matéria-prima do turismo é o meio ambiente e que este é fortemente influenciado por essa atividade, tanto positivamente quanto negativamente, urge a necessidade de se compreender e controlar os impactos do turismo sobre o meio ambiente.

O debate sobre turismo sustentável é paralelamente influenciado pelo conceito geral de desenvolvimento sustentável⁶ e vem sendo debatido desde a década de 70, do século passado. Atualmente, tem havido maior aceitação do conceito de turismo sustentável, na medida em que os impactos do turismo foram sendo reconhecidos e debatidos. A expressão “turismo sustentável” começou a ser usada a partir dos anos 80⁷ e com mais frequência a partir dos anos 90. Sobre as definições de Turismo Sustentável, Swarbrooke (2000) afirma que não há consenso sobre uma definição de turismo sustentável que seja completamente aceita.

O termo “turismo sustentável” surgiu como uma aplicação do conceito de desenvolvimento sustentável ao turismo, pretendendo então, um desenvolvimento racional do turismo, aliado à conservação ambiental, para assim garantir às gerações futuras a exploração dos recursos utilizados no presente.

Sob a ótica do desenvolvimento sustentável, passa-se a discutir a sustentabilidade da atividade turística. Em abril de 1995, por iniciativa da ONU, realizou-se a Primeira Conferência sobre Turismo Sustentável⁸, em Lanzarote, nas Ilhas Canárias, com respaldo dessa Entidade, UNESCO e OMT juntas. O ponto central das discussões desse evento foi a proposta de um turismo capaz de resgatar e promover a cultura dos povos, ao mesmo tempo em que é utilizado como ferramenta capaz de contribuir para a preservação dos patrimônios natural, histórico e cultural.

Sobre a aproximação conceitual entre desenvolvimento sustentável e turismo, Swarbrooke (2000) sugere que uma definição de turismo sustentável, simplesmente fundamentada na aplicação da definição do Relatório Brudtland de sustentabilidade do turismo, seria a aproximação a uma forma de turismo capaz de satisfazer as necessidades dos turistas, do turismo como indústria e das comunidades locais, de maneira a garantir a capacidade das gerações futuras de satisfazerem suas próprias necessidades.

Similarmente às idéias de Swarbrooke (2000), a definição de turismo sustentável sugerida pela OMT está vinculada ao conceito de desenvolvimento sustentável e à preocupação com a satisfação de necessidades presentes e futuras, o que envolve a questão da conservação de recursos naturais e sociais, e deve, portanto, aliado a isso, necessariamente: a) otimizar o uso dos recursos ambientais; b) respeitar a autenticidade sociocultural das comunidades receptoras, promovendo benefícios econômicos a todos atores; c) viabilizar benefícios econômicos a longo prazo. Nesse sentido, os princípios da interpretação e do turismo sustentável convergem entre si para a conservação e valorização do patrimônio natural e cultural.

A partir desta contextualização, o crescente número de visitantes de sítios históricos e naturais tem propiciado aos gestores públicos e privados, com respaldo de suas respectivas comunidades locais, a gestão e promoção do patrimônio natural e cultural como recurso de desenvolvimento sustentável do turismo. Segundo Murta e Goodey (2002), a estratégia mais utilizada na exploração turística desses locais

na Europa e nos Estados Unidos tem sido o desenvolvimento da interpretação ambiental, associada à revitalização desses espaços. No Brasil, esta prática tem sido disseminada desde meados da década de 1990. Hoje contamos com alguns exemplos de sua aplicação no país.

Considerações finais

Se a interpretação do patrimônio pode ser efetiva e proporcionar aos visitantes a criação de novos valores, o gerenciamento e a conservação do patrimônio podem ser substancialmente melhorados. Os programas interpretativos cuidadosamente implementados podem influenciar diretamente na sustentabilidade do turismo em uma localidade. Atrativos interpretativos contêm muitas informações sobre a história e a cultura de um local e a efetiva interpretação realizada pelos visitantes está relacionada não somente à apreciação do visitante pelo o que lhe é apresentado, mas pelo conhecimento e pela valorização proporcionada sobre uma região ou nação, da qual essas localidades fazem parte.

A interpretação ambiental pode ser um poderoso aliado do desenvolvimento local do turismo sustentável, uma vez que promove a conservação dos recursos naturais e culturais de uma comunidade, integrando turismo e educação e, simultaneamente, gerando empregos e renda.

Os turistas têm papel fundamental na criação da sustentabilidade do turismo e a qualidade desta está diretamente relacionada ao nível e qualidade das informações recebidas, às visitas aos sítios de interesse relevante que, conseqüentemente, influenciarão a qualidade da sua experiência.

Artigo recebido e aprovado em novembro de 2006.

Notas

¹ Um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas.

² Conhecida popularmente por Convenção das Nações Unidas Para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), que teve como objetivo principal buscar meios de conciliar o desenvolvimento socioeconômico e industrial com a conservação e proteção dos ecossistemas da terra.

³ Primeiro princípio da Interpretação, segundo Tilden (1977).

⁴ Processo contínuo que envolve, basicamente a apresentação, promoção e atualização de saberes de uma comunidade. (MURTA; GOODEY, 2002, p. 20)

⁵ Plano Nacional de Turismo - PNT.

⁶ De acordo com o Relatório Brundtland de 1987, um documento das Nações Unidas, é o desenvolvimento que atende as necessidades do presente sem prejudicar a capacidade das futuras gerações de atender as suas próprias necessidades.

⁷ Declaração de Manila sobre Turismo Mundial (1980). Disponível em:

<<http://www.world-tourism.org>>. Acesso em: 22 jul. 2006.

⁸ Carta de Lanzarote – Conferência Mundial de Turismo Sostenible (1995). Disponível em: <<http://www.turismoresponsable.net>>. Acesso em: 25 jul. 2006 (tradução nossa).

*BUILDING NEW VALUES THROUGH HERITAGE
INTERPRETATION: EDUCATION AND SUSTAINABLE
TOURISM*

Abstract: This study aimed to discuss relationships between heritage interpretation and sustainability, since the presupposition that this activity have deep approach with tourism sustainability with education and contribute to heritage conservation and to the sustainable tourism as well. It argues that heritage interpretation can be used to qualify the visitor experience as it builds a lack with tourism sustainability. It concludes that heritage Interpretation support visitors to build new values, objects of their interest, promotion education to heritage conservation and it approaches to the paradigm that orients the sustainable tourism.

Keywords: Interpretation, heritage conservation, sustainable tourism, education.

Referências

BECK, Lary; CABLE, Ted. *Interpretation for the 21st century: fifteen guiding principles for interpreting nature and culture*. USA: Sagamore Publishing, 2002.

BENI, M. C. Como certificar o turismo sustentável. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 37. Editor: Antonio Ozaí da Silva, 2004. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br>>. Acesso em 22 jul. 2006.

EMBRATUR/IBAMA. *Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo*. Brasília, DF: MICT/MMA, 1994. 48 p.

FONTES, Marco Aurélio Leite. *Ecoturismo e interpretações*. Lavras: UFLA/FAEPE, 2003. 73 p.

GOODEY, B. Interpretação e Comunidade local. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (Orgs.) *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

GOODEY, B.; MURTA, S. M. Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (Orgs.). *Interpretar o Patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

HAM, S.H. *Environmental interpretation: a practical guide for people with big ideas and small budgets*. Colorado: North American Press. 1992. 456 p.

IEF-IBAMA-FUNDAÇÃO BIODIVERSITAS-GTZ. *Projeto Doces Matas: manual de introdução à interpretação ambiental*. Belo Horizonte: IEF-IBAMA-FUNDAÇÃO BIODIVERSITAS-GTZ, 2002. 108 p.

MURTA, S. M.; ALBANO, C. Interpretação preservação e Turismo: uma introdução. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (Orgs.). *Interpretar o Patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

SWARBROOKE, J. *Turismo sustentável: conceitos e impacto ambiental*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2000. (Série turismo, v. 1). 140 p.

TILDEN, Freeman. *Interpreting our heritage*. 3. ed. Capell Hill: The University of North Caroline Press, 1977. 117 p.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. *Turismo e qualidade: tendências contemporâneas*. 9. ed. Campinas: Papirus, 2001. 120 p.

VASCONCELLOS, Jane Maria de Oliveira. *Avaliação da visitação pública e eficiência de diferentes tipos de trilhas interpretativas do Parque Estadual Pico do Marumbi e Reserva Natural Salto Morato – PR*. Curitiba, 1998. 141. fls. Tese (Doutorado em Ciências Florestais) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

WEARING, Stephen; NAIL, John. *Ecoturismo: impactos, potencialidades e possibilidades*. Barueri: Manole, 2001, 256 p.

WORLD TOURISM ORGANIZATION (WTO). *Concepts and definitions sustainable development of tourism conceptual definition* (WTO, 2004). Disponível em: <<http://www.world-tourism.org>> Acesso em: 22 jul. 2006.